

UFC  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

MEMORIAL DESCRIPTIVO

IGREJA DO BOM  
JESUS DOS  
NAVEGANTES



Aluna: Rosa Karina Carvalho Cavalcante  
Orientador: Paulo Costa Sampaio Neto  
Fortaleza, 07 de fevereiro de 1997

## ÍNDICE

---

<b>1. A ESCOLHA DO TEMA</b>	<b>1</b>
<b>2. A ECOLHA DO TERRENO</b>	<b>2</b>
<b>3. GENERALIDADES SOBRE O TEMA</b>	
3.1) HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA IGREJA	3
3.2) A IGREJA NO BRASIL	
3.2.1) Sua História	8
3.2.2) Uma Espiritualidade Muito particular	10
<b>4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROGRAMA</b>	<b>11</b>
4.1) PROGRAMA ARQUITETÔNICO	12
<b>5. O PROJETO</b>	<b>13</b>
<b>6. CONCLUSÃO</b>	<b>16</b>
<b>7. FONTES E CONSULTAS</b>	<b>17</b>

*"Como é bom saber que Tu cuidas de mim..."*

## 1. A ESCOLHA DO TEMA

Desde pequena tenho uma forte ligação com Deus, que sempre esteve presente em minha vida, principalmente nos momentos dificeis, e o vestibular foi um desses momentos.

Ao decidir a faculdade que queria cursar, o que ocorreu meio tarde, na metade do terceiro ano científico, tive que deixar minha família, meus amigos, minha escola, minha cidade e enfrentar algo novo, estranho e muito dificil. A companhia e a força que tive foi Deus, e tenho certeza que Ele também me ajudou no vestibular.

Durante o curso não foi menos dificil, a saudade, a solidão... e sempre Ele lá estava a me consolar.

Hoje esta fase está chegando ao fim. Projetar uma igreja é como uma oração de agradecimento a Deus por ter me ajudado a enfrentar e a vencer mais uma etapa de minha vida e para pedir que Ele continue abençoando as que hão de vir.

## 2. A ESCOLHA DO TERRENO

As igrejas são construídas por iniciativa popular ou da igreja, e normalmente se localizam numa praça, onde parte do terreno é cedido para sua construção. São, na maioria das vezes, construções fechadas, onde as paredes ornadas formam a paisagem.

Pensei numa nova proposta, na qual o projeto estabelecesse um forte vínculo com a natureza, onde as visuais de mar e céu aberto levassem à meditação por sua própria existência; pois “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica”<sup>1</sup>, ou seja, ser uma manifestação do sagrado, do próprio Deus.

O terreno escolhido é onde hoje está construída a igreja do Bom Jesus dos Navegantes, pois preenche todos os requisitos paisagísticos, e a construção lá existente, ao meu ver, não explora essas potencialidades visuais, além de rivalizar, em seu volume, com a antiga capela situada próxima ao local, e que já provou sua importância quando, na construção da avenida que a margeia, houve uma manifestação popular contra sua demolição, o que resultou na sua restauração e a avenida foi desviada para que ela lá permanecesse.

Ele se localiza na Av. Presidente Castelo Branco, limitando-se ao sul com a citada avenida, ao leste com o Hotel Marina, ao oeste com calçadões públicos e áreas verdes, ao norte com o mar. Em sua frente, na outra margem da avenida, encontra-se parte da favela do Pirambú.

<sup>1</sup> ELIADE, Micea - *O Sagrado e o Profano*, p.18

### 3. GENERALIDADES SOBRE O TEMA

#### 3.1) HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA IGREJA

Para conhecer mais profundamente o assunto e entender a Igreja atual se faz necessário o estudo de suas origens e das evoluções sofridas por ela ao longo do tempo, pois ao falarmos de Igreja não podemos apenas ver o aspecto físico, é de essencial importância observar o involucro espiritual que nela está presente e que a constitui.

A Igreja é formada por um corpo, cuja cabeça é Jesus Cristo, que caminha junto e se deixa guiar por Ele; logo, a pedra fundamental da Igreja é Jesus, ela não existe sem estar em comunhão com Ele (Cristo é UM com a Igreja); sendo assim, sua missão primordial, estabelecida pelo próprio Cristo, é a evangelização. Mas quem é esse Jesus Cristo?

O nome de Jesus não se inscreveu simplesmente na História do mundo; ele marcou-a profundamente. Na falta de uma biografia no sentido estrito do termo, é possível, graças aos Evangelhos, seguir Jesus no curso de sua curta vida, três décadas, na Palestina submetida ao jugo romano.

Foi nas margens do lago Tiberíades que Jesus escolheu seus apóstolos, fundamento de sua Igreja. Foi lá que começou sua pregação. É, porém, na Galiléia que sua mensagem toma corpo. Foi lá que ele pronunciou suas mais belas parábolas.

“A Igreja é herdeira do povo judeu”. Isso porque o cristianismo nasceu da pregação de um judeu, cujos primeiros discípulos, igualmente judeus, dirigiram-se primeiramente aos judeus. Para o cristão, o Antigo Testamento é inseparável do Evangelho e dos escritos apostólicos.

A morte de Jesus é admitida. Já sua ressurreição choca, escandaliza, provoca sorrisos. Mas o testemunho dos apóstolos gira em torno da relação entre a morte e a ressurreição de Jesus: aquele que foi visto expirando, morto, foi visto depois de três dias, vivo, idêntico a si mesmo, capaz de ser tocado e de partilhar a ceia de seus amigos. Seria Cristo ressuscitado que seus discípulos passariam a pregar. É ele que constitui o fundamento do cristianismo: “se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também é vossa fé”, escreveu Paulo. É esse cristocentrismo, ao lado da

consciência de sua autonomia em relação ao judaísmo, que faz a originalidade do cristianismo e a unidade das comunidades dispersas: é ele que dá um sentido típico ao termo que Paulo introduz: a Igreja, corpo de Cristo e centro vivo do reino de Deus.

Foi no júbilo da ressurreição de Jesus e na expectativa de uma parusia iminente que as primeiras comunidades cristãs se expandiram.

Os membros da pequena comunidade, a Igreja que Jesus deixara em Jerusalém após sua ascensão era uma comunidade bem temerosa. Viveu por longo tempo confinada na sala superior da casa em que Jesus havia celebrado sua última ceia. Mas logo vem Pentecostes, e essas humildes pessoas passam a propagar o Evangelho, não só aos judeus, mas a todos os povos.

A semente do cristianismo em Roma foi semeada por judeus vindos de Jerusalém pouco depois de Pentecostes. A difusão inicial do cristianismo foi feita entre as camadas sociais inferiores do império romano, homens e mulheres do povo, trabalhadores, escravos, bárbaros.

Como o cristianismo foi proibido no império romano, inicialmente os cultos religiosos eram realizados nas residências ou nas catacumbas subterrâneas (local onde também eram enterrados os cristãos mortos, transformadas posteriormente em locais de peregrinação), e a Boa Nova era transmitida de boca em boca, sendo, porém, rapidamente propagada por todo o império. Essa assombrosa progressão do cristianismo durante os três primeiros séculos se deu devido um contexto histórico e geográfico privilegiado. Uma estreita rede de relações humanas, facilitada pela segurança das estradas e pela atividade dos portos, permitia que os homens e as idéias se locomovessem e se espalhassem rapidamente. Não por acaso os principais centros do cristianismo nascente foram Antioquia, encruzilhada de caravanas, Éfeso, o grande porto da Ásia, Tessalônica, porta aberta para a Macedônia, Corinto, em contato com o Egeu e o Adriático, e Roma, o coração do império.

Foi a partir do Edito de Milão (313 d.C.), quando o imperador Constantino reconheceu o cristianismo como religião oficial do império romano, que o cristianismo tomou novo impulso.

Os cultos não mais eram realizados às escondidas nas casas, mas em lugares de culto autônomo, que pouco a pouco são construídos segundo uma arquitetura específica, tipo basilical, inicialmente com influência romana, constituídos basicamente de uma ampla área retangular, feita de madeira, argila e pedra (não usaram concreto), com coberta de duas águas, tendo como primeiro exemplar deste tipo a Basílica de São Pedro. Eles não usaram os templos pagãos pois estes eram espaços muito pequenos e porque tinham estátuas de deuses pagãos no interior destes templos.

A partir do século V, com as invasões bárbaras e a conquista do império romano por estes, começa um novo período.

Como viviam sempre em guerra, os bárbaros não conseguiram desenvolver uma cultura significativa; mas se havia neles um ímpeto de destruição, havia também o desejo de se tornarem civilizados, e o caminho que os levaria a tal conquista seria a assimilação da cultura romana; então, para tornarem-se “romanos”, tornaram-se “cristãos”, por isso, a Igreja foi a única instituição que se manteve forte.

Com essa invasão, o perfil cultural da população européia muda. Agora, a grande maioria é de ignorantes, rompendo-se o processo de civilização que iniciado pelos gregos, foi desenvolvido pelos romanos.

Interessava à Igreja manter e explorar a ignorância do povo e reservar para si o privilégio do contato com toda a tradição da cultura greco-romana. Só os monges tinham contato com as obras clássicas, enquanto o resto da população só tinha acesso ao saber rústico.

Tal situação, além de permitir à Igreja um poder sem paralelo, colocava toda a população a serviço dela. O fervor religioso e o medo da Igreja fazia com que todos, de uma forma ou de outra, participassem da construção de grandes catedrais, quer carregando pedras, quer pagando tributos, quer oferecendo doações.

Podemos destacar as basílicas da era românica (séc. XI a XII), estreitas, baixas e escuras, de pedra e tijolo, que para evitar os incêndios, comuns nas igrejas com coberta de madeira, e já contando com mão-de-obra mais adestrada, usavam como coberta as abóbadas de alvenaria de pedra.

Essas igrejas refletem o medo das pessoas da época, que achavam que o mundo iria se acabar no ano 1000. A insegurança, que desencadeou inúmeros suicídios, fez com que muitas pessoas fizessem doações de terra e dinheiro para a Igreja, a fim de se salvarem, aumentando ainda mais o poder desta, numa época em que a posse da terra significava a posse do poder, colocando-a, ao lado dos senhores feudais, na camada mais importante da sociedade. Passado o medo, com a esperança renovada e os recursos obtidos, desencadeou-se a construção de muitas igrejas no ocidente europeu.

Outra manifestação importante foram as igrejas góticas (séc. XIII a XVI), apesar de expressar de maneira uniforme, variando de país para país, apresentam características comuns, como o verticalismo e os vitrais, tornando as igrejas altas e iluminadas.

Após este período austero, inicia-se uma nova fase, onde alguns acontecimentos marcam o desprestígio no qual a Igreja passa a sofrer: a Cisma do Ocidente, os resultados negativos das cruzadas, protestos contra tributos exigidos pela Igreja e a concessão das indulgências pelos papas.

A Igreja havia se afastado muito de suas origens e de seus ensinamentos, como pobreza, simplicidade, sofrimento, no século XVI. o catolicismo era uma religião de pompa, luxo e ociosidade. Moralmente a Igreja estava em decadência, mais preocupada com as questões políticas e econômicas do que com as questões religiosas.

Esses acontecimentos fizeram surgir várias críticas, e estas tornaram-se a base para que Martinho Lutero efetivasse o rompimento com a Igreja católica e fundasse o protestantismo.

Essa nova doutrina, conseguindo inúmeros seguidores, ameaçou o catolicismo, fazendo a igreja repensar sua doutrina e seus atos, através, principalmente do Concílio de Trento (1545 a 1563). A velha Igreja deveria se recuperar, não somente no sentido de uma correção dos abusos, mas também, e sobretudo, por um retorno ao espírito evangélico, à Sagrada Escritura como por uma renovação espiritual de todos os cristãos.

A partir da Contra-Reforma surgiram novas ordens religiosas, como a Companhia de Jesus, cuja missão era difundir a doutrina católica, principalmente nas Américas e na Ásia.

Viu-se, também, a necessidade de construir novas igrejas, que deveriam privilegiar o orador, dado o importante papel de difundir a doutrina, tendo como símbolo da Contra-Reforma a igreja de Gesù.

Um grande salto se deu, até que na modernidade a Igreja tem passado na segunda metade deste século, especialmente após o Concílio Vaticano (início dos anos 60), por modificações substanciais em seus ritos e também no modo de atuar, reconhecendo que não pode esquecer os problemas de seus filhos, e que deve empenhar-se também nos trabalhos sociais e que a “opção preferencial pelos pobres”, a “teologia da libertação” e manifestações similares só são questionadas quando, radicalmente, vêm as causas sociais com importância acima da evangelização, missão maior da Igreja.

A Igreja renovada considera como primordial a mudança fundamental da pessoa humana, a conversão interior, sem a qual toda mudança de estrutura está ameaçada em seus fundamentos. A raiz dos males da sociedade, da miséria e da fome, da injustiça social reside, em último término, na ausência de Deus. Enquanto o homem não encontrar o devido relacionamento com Deus, nunca terá estruturas sociais e econômicas verdadeiramente justas.

A Igreja não mais aceita que as injustiças sociais decorram da vontade divina e entende que deve inserir-se aberta e decididamente nos assuntos terrenos, buscando minorar as desigualdades resultantes das relações sociais de produção e apropriação de riquezas, especialmente em países como o nosso, da periferia do mundo capitalista, onde aquelas assumem caráter dramático.

Paralelamente às mudanças de mentalidade e de atitude, especialmente na chamada “ação temporal”, ocorreram outras de caráter mais simbólico e formal, ao nível dos rituais. A mais notória foi provavelmente a troca, naqueles, do latim e do grego clássico pelo vernáculo. Com isso, a Igreja tornou-se mais inteligível para as massas e, de certa forma, menos romana e mais católica.<sup>2</sup>

Outras “novidades” foram adotadas: a crescente participação dos leigos e a introdução da música popular nos ritos, por exemplo. Alguns setores da Igreja reagiram a essas mudanças formais, mas são poucos

---

<sup>2</sup> A palavra “católico” vem do grego katholikós e significa “universal”.

significativos e encontram-se atualmente em franco isolamento. De um modo geral, “progressistas” e “conservadores” adotaram os novos ritos com entusiasmo, não só porque, como bem salientou o Papa, “o Vaticano não é uma democracia”, como também por terem percebidos neles um maior potencial religioso que os verificados nas formas tradicionais, já arcaicas e pouco eficientes para fazer face ao avanço crescente de outras denominações cristãs, especialmente o protestantes.

Todas essas modificações exigiram também mudanças na forma (e no conteúdo) das edificações religiosas. O espaço processional da basílica paleo-cristã, com sua unidirecionalidade e dicotomia espacial entre celebrante e fiéis, tornou-se inadequado ao novo clima “democrático” ou “fraternal” que passou a caracterizar as celebrações. Quase todos os templos foram acrescidos de um novo altar, onde o padre pudesse atuar voltado para os fiéis, passando o altar-mor à função meramente decorativa de pano-de-fundo da celebração dos rituais, edificações mais recentes buscaram modificar mais explicitamente o caráter de “teatro” ou de “auditório” que, desde Constantino, marcou o espaço do templo cristão. Para tanto buscaram inspiração nas catacumbas, ou até mesmo na última ceia, supostamente celebrada de modo informal, à volta de uma mesa. Os espaços resultantes tendem a se aproximar mais do teatro de arena que daquele renascentista. Em casos “extremos”, os fiéis circundam totalmente o celebrante e olham não apenas para aquele como uns para os outros.

### **3.2) A IGREJA NO BRASIL**

#### **3.2.1) Sua História**

Se não é possível tratar as edificações religiosas como um capítulo à parte da história da arquitetura em geral, também há necessidade de levar em conta a evolução e a afirmação da religião católica, oficial no Brasil, pois se trata aqui de analisar seus templos.

Ao contrário do que parece, a afirmação da Igreja Católica no Brasil foi lenta e difícil. Sua história nos mostra que desde a chegada dos primeiros padres, junto com os descobridores, ela ficou sob total controle do Estado. No Brasil colônia o padre era funcionário da Coroa, pago por ela.

Fraca e desorganizada, a Igreja manteve essa submissão até a República, em 1889. A partir desse momento ela começou a reagir contra a dependência a um Estado que lhe era alheio e até hostil, a se organizar, criar estruturas mais sólidas, estabelecendo, pela primeira vez em quatro séculos, relações normais com Roma.

Havia numerosas igrejas nas cidades coloniais porque eram muitas as ordens que vinham disputar a posse do novo território e a conquista das almas dos “gentios”. Ou, ainda, porque elas estavam unidas ao Estado para operar as funções de administração pública. Sua construção apresentava-se difícil e demorada, dependendo do esforço dos padres e do dinheiro dos fiéis, senhores de terra ou irmandades (raramente da Coroa).

A implantação, na malha urbana, das igrejas coloniais - dotadas de fachadas simples e austeras, muitas vezes contrastando com interiores extremamente ricos -, quando não estava na origem mesma da fundação da cidade ou do bairro que se desenvolvia ao redor, pelo menos organizava um espaço já configurado, determinando seu crescimento. Ao procurar se estabelecer nas elevações e pontos mais altos, criando marcos de referência na paisagem, ao reservar, sempre que possível, um espaço vazio em frente da sua fachada principal, as igrejas caracterizam um tipo de implantação que passa a ser condição mesma de sua monumentalidade, recebendo importante contribuição da topografia: “Nunca - salvo exceção especialíssima de Congonhas - a arquitetura se impõe à paisagem para ordená-la segundo as regras do barroco e subordiná-la ao monumento, o que foi regra na Europa. Não se cuidou, pois, de enriquecer o terreno, mas de evidenciar a igreja”.

A praça fronteira à igreja, de traçado irregular, sem nenhum plano quanto à construção do restante das edificações que a circundavam, e onde não é uma regra o poder público laico se fazer representar, difere completamente das praças cívicas características das cidades de colonização hispânica. Esse espaço é quase uma extensão da nave, “salão” para suas festas e representações litúrgicas, indispensável a uma igreja que se propunha à catequese de um número sempre crescente de pessoas.

A tradição se mantém até hoje na maioria das cidades brasileiras, onde a praça da igreja ainda é o centro, sinônimo de encontro e reunião, às vezes com uma conotação de civismo mais forte que edificações ou espaços projetados (ou às vezes apenas destinados) para esse fim.

### 3.2.2) Uma Espiritualidade Muito Particular

Quando se fala que o Brasil é o maior país católico do mundo (mais um número dentre os muitos que definem um país em “larga escala”), logo se deve acrescentar que esse catolicismo tem uma feição bem característica. A religiosidade nacional seria mais bem traduzida pelo sincretismo religioso. Essa síntese simbólica marca profundamente a religiosidade popular, propiciando a convivência pacífica, na mesma cidade, no mesmo bairro, na mesma família e até no mesmo indivíduo, de vários credos, de vários tipos de fé diferentes.

É assim que o Brasil se torna terreno fértil para o estabelecimento de templos de todas as origens, que sempre encontram aqui fiéis seguidores, muitos deles católicos “de batismo”. A espiritualidade do brasileiro, inclusive seu catolicismo, é bastante aberta e eclética, como aliás sua cultura.

A religião católica praticada no Brasil era, já nos séculos XVIII e XIX, alheia aos modelos e, principalmente, às ortodoxias europeias. Era um cristianismo “irracional” e “sentimental”, a exuberância das igrejas, o aspecto teatral da religião, o ritual e a organização de festas e romarias.

Se considerarmos, por exemplo, os projetos de igrejas elaborados pelos arquitetos a partir de 1930, veremos que, apesar de continuar existindo uma simbologia para o conteúdo litúrgico (círculo = céu; parábola hiperbólica = montanha sagrada; triângulo = trindade; iluminação zenital = Espírito Santo etc.), o que acaba prevalecendo é a ausência de um modelo arquitetônico litúrgico de consenso. A expressão arquitetônica é lírica, dramática, não recorre à figuração, uma expressão quase narcisista do autor e de sua “espiritualidade” (e não de sua religiosidade).

Não é possível, portanto, desvincular a arquitetura religiosa da evolução da arquitetura como um todo; ela acompanha seu vocabulário formal, seus preceitos conceituais (e ideológicos). Assim, pode-se ver a catedral de Brasília como a própria concretização de mudanças observadas a partir da construção da nova capital na obra de Niemeyer e que se tornam uma tendência na arquitetura brasileira em geral: reforço do plasticismo do objeto, que passa a se afirmar individualmente em relação ao seu entorno.

#### 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROGRAMA

Ao longo dos tempos o programa das igrejas têm sofrido variações de acordo com os costumes da época, como os deambulatórios, os altares laterais; mas alguns espaços sempre estiveram presentes, como as naves e a sacristia. Os templos, porém, sempre conservavam seu caráter grandioso, de grande destaque, até mesmo monárquico.

Atualmente, nos conjuntos paroquiais o programa vê-se bastante modificado. É nítido o crescimento dos espaços destinados aos serviços sociais, ao esporte e à recreação junto ao local do culto, favorecendo um crescente despojamento e simplificação do espaço do templo propriamente dito, acontecendo, muitas vezes, a sobreposição de ambos. Isso se deve a uma mudança profunda no campo religioso, devido a uma série de revoluções e convulsões que se vêm processando, desde o século XVII, nos planos da ciência, da tecnologia, da indústria, da política, da economia e, consequentemente, na sociedade.

Como o terreno escolhido é de modestas dimensões, optei por excluir a área dos trabalhos sociais, pois ocupariam grande parcela do mesmo, prejudicando o espaço do templo; além de supor que, se necessário, esses anexos poderiam vir a ser construídos posteriormente em outro terreno da vizinhança.



#### 4.1) PROGRAMA ARQUITETÔNICO

ESPAÇO	ÁREA
Templo	416.57m <sup>2</sup>
Sacristia	22.54m <sup>2</sup>
Recepção	36.25m <sup>2</sup>
Secretaria	27.64m <sup>2</sup>
Escritório do padre	35.75m <sup>2</sup>
WC Feminino	3.61m <sup>2</sup>
WC Masculino	3.61m <sup>2</sup>
Loja	34.21m <sup>2</sup>
Salão Paroquial	500.00m <sup>2</sup>
Cozinha	19.78m <sup>2</sup>
Depósito	11.71m <sup>2</sup>
WC Feminino	7.05m <sup>2</sup>
WC Masculino	7.05m <sup>2</sup>
Estacionamento	667.90m <sup>2</sup>

## 5. O PROJETO

O terreno foi dividido em três setores principais: o estacionamento, a igreja e seus anexos imediatos (sacristia, recepção, secretaria, escritório do padre e dois banheiros) e o salão paroquial.

Ao começar a pensar no templo, busquei apurar sua forma, dar ao volume um tratamento plástico diferenciado, procurando me inspirar nas formas livres de Niemeyer; porém, ao analisar o entorno, dois aspectos me incomodaram: o primeiro deles foi a proximidade de uma antiga capela, que, pelos motivos que citei anteriormente, tem um grande valor histórico para a cidade e esse novo volume pareceu-me rivalizar com as modestas dimensões daquela, o que não era meu propósito; e o segundo, é que estaria subtraindo um espaço público, antes reservado para áreas verdes, de convívio e lazer da população.

O novo partido, oriundo das convicções supramencionadas e o qual desenvolvo no presente projeto, libera toda a área na cota do calçadão existente (8 metros acima do nível do mar) ao domínio público, dando continuidade a este quanto ao tratamento paisagístico e locação de mobiliário urbano.

As áreas edificadas foram implantadas em níveis semi-enterrados, dispostas em platores contíguos que, de certa maneira, segregam e articulam as atividades contempladas no programa de necessidades: na cota + 5.57m acima do nível do mar está disposto um pequeno platô, no qual se localiza uma loja de artigos religiosos,

O templo ocupa, juntamente com seus anexos (recepção, secretaria, escritório do padre e dois wc's), a cota mais baixa, + 4.00m acima do nível do mar, e, por fim, a + 4.53m acima do nível do mar, encontra-se o salão paroquial, com uma cozinha de apoio, um pequeno depósito. Pode-se ter acesso a essa área tanto pelo templo como pela praça, permitindo que em dias de recepções, o templo seja fechado após a celebração.

Dessa forma, o que agora identifica um templo religioso é a cruz, que se destaca no conjunto por ser o único elemento vertical de grande porte,

constituindo-se ainda como “*axis mundi*, coluna universal, tornado comunicantes os três níveis cósmicos: terra, céu e regiões inferiores”<sup>3</sup>.

A ventilação está assegurada pelo desenho dos platôs que não criam barreiras à entrada dos ventos, e os ambientes são tratados com domos, pergolados e janelas que propiciam a entrada e a saída de ar. As laterais do templo são em sua maior parte vedadas por portas pivotantes de madeira, que mesmo fechadas permitem a circulação do ar devido as persianas no seu desenho.

O interior do templo é projetado de modo a oferecer um local sóbrio, que acolha e une a todos como um abrigo; e, para assegurar a prática religiosa, a qual não depende apenas de gestos, atos, sinais e palavras, mas fundamentalmente da disposição de espírito dos fiéis, procurou-se tornar o ambiente vivo, no qual a visão da natureza, principalmente do céu e mar, é capaz de tocar a sensibilidade das pessoas. A simples contemplação da abóbada celeste e das águas do mar é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. Eles revelam-se transcendentes, misteriosos, e a simples tomada de consciência da altura, da profundidade e dos limites infinitos tornam-se espontaneamente um atributo à divindade; contribuindo, assim, para criar o estado de espírito conveniente aos atos religiosos.

Para atender a esses preceitos e, ao mesmo tempo propiciar fácil manutenção e durabilidade, o templo foi tratado com materiais naturais, como o piso de granito e as esquadrias em madeira. A parede abaixo do coro é revestida com um painel em bronze, e o teto do templo é a própria laje em sua cor natural. A vedação posterior do altar, é de vidro transparente, permitindo a contemplação da paisagem. A opção por cadeiras substituindo os bancos foi para proporcionar maior conforto. Elas estão no mesmo nível, o que facilita a união dos participantes dos rituais e dispostas formando uma suave curvatura.

A praça receberá piso em pedra portuguesa, acompanhando o desenho do calçadão das áreas vizinhas, para evidenciar a proposta de unidade com essas áreas. As jardineiras foram dispostas de modo a garantir a segurança dos pedestres, separando-os das diferenças de níveis.

A circulação vertical é feita de duas formas: por escadas e por rampas, permitindo-se, assim, o acesso a todos os ambientes pelos deficientes físicos.

<sup>3</sup> ELIADE, Mircea - *O Sagrado e o Profano*, p.38

Também os banheiros do salão paroquial foram dimensionados e projetados para proporcionar-lhes sua utilização. Há ainda uma rampa para acesso de veículos ao salão paroquial, caso seja necessário o abastecimento da cozinha antes das recepções.

Em termos estruturais, o projeto utiliza uma malha básica de 5 x 5m com estrutura de concreto armado convencional, diferenciando-se apenas no templo, onde a grande vão livre utilizado (17 metros) e a sobrecarga de jardins e espelhos d'água (que cumprem função de isolamento térmico para a laje impermeabilizada) justificam a utilização do concreto protendido.

## 6. CONCLUSÃO

Durante esse projeto pude sentir que arquitetura não consiste apenas em projetar edifícios, ela vai além do projeto dos espaços edificados, que perdem o sentido quando não estão adequados ao entorno.

Fazer arquitetura também consiste em estudar o espaço urbano, fazendo uma leitura crítica do mesmo e, por vezes, optar em não modificar ou interromper sua paisagem, apesar de lá interferir.

Uma das preocupações primordiais deste projeto foi adequá-lo ao entorno, e explorar as paisagens locais, o que se tornou, além do projeto de uma igreja, uma intervenção urbana, na medida em que se ofereceu à população mais um espaço público de convívio e lazer.

Outra preocupação, agora voltada para o templo em si, foi de estabelecer um forte vínculo com a natureza, na qual “o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado”<sup>4</sup> e a vê sua manifestação.

Espero ter realizado meus propósitos ao unir no projeto a preocupação urbanística e espacial, desenvolvendo, assim, a verdadeira arquitetura.

---

<sup>4</sup> ELIADE, Mircea - *O Sagrado e o Profano*

## 7. FONTES E CONSULTAS

- 1.ELIADE, Mircea - O Sagrado e o Profano. 1<sup>a</sup> Edição, Martins Fontes Ed., 1<sup>a</sup> Edição, Martins Fontes Editora, 1995
- 2.FRANCA S.J., Pe. Leonel - A Igreja, A Reforma e a Civilização. 8<sup>a</sup> Edição, Agir Editora, 1958
- 3.GRAEFF, Edgar Albuquerque - Edifício. 3<sup>a</sup> Edição, Projeto Editores Associados, 1986
- 4.PIERRARD, Pierre - História da Igreja. 3<sup>a</sup> Edição, Edições Paulinas, 1982
5. Revista Maná, Maio, n.º 38, 1994
6. Revista Maná, Junho, n.º 39, 1994
7. Revista Projeto, Julho, n.º 31, 1981. Pg. 64 e 65, Igreja com apoio comunitário.
8. Revista Projeto, Dezembro, n.º 128, 1989. Pg. 40 - 75, Porque as catedrais não eram brancas, Texto de Cecília Rodrigues dos Santos.
9. Revista Projeto, Dezembro \ Janeiro, n.º 137, 1990 \ 1991. Pg. 29 - 34; 42 - 44, Sentido do Sagrado.
10. Revista Projeto, Agosto, n.º 166, 1993. Pg. 67 - 75.

---

## AGRADECIMENTOS

---

Em primeiro lugar a Deus.

Aos meus pais, que me apoiaram e, sem eles, não teria concluído esse trabalho.

À minha avó, que muito me ajudou durante todo o curso.

Aos amigos que contribuíram e deram força.

Ao meu orientador, Paulo Costa, que foi muito mais que um professor, foi um grande amigo, sempre paciente e disponível.

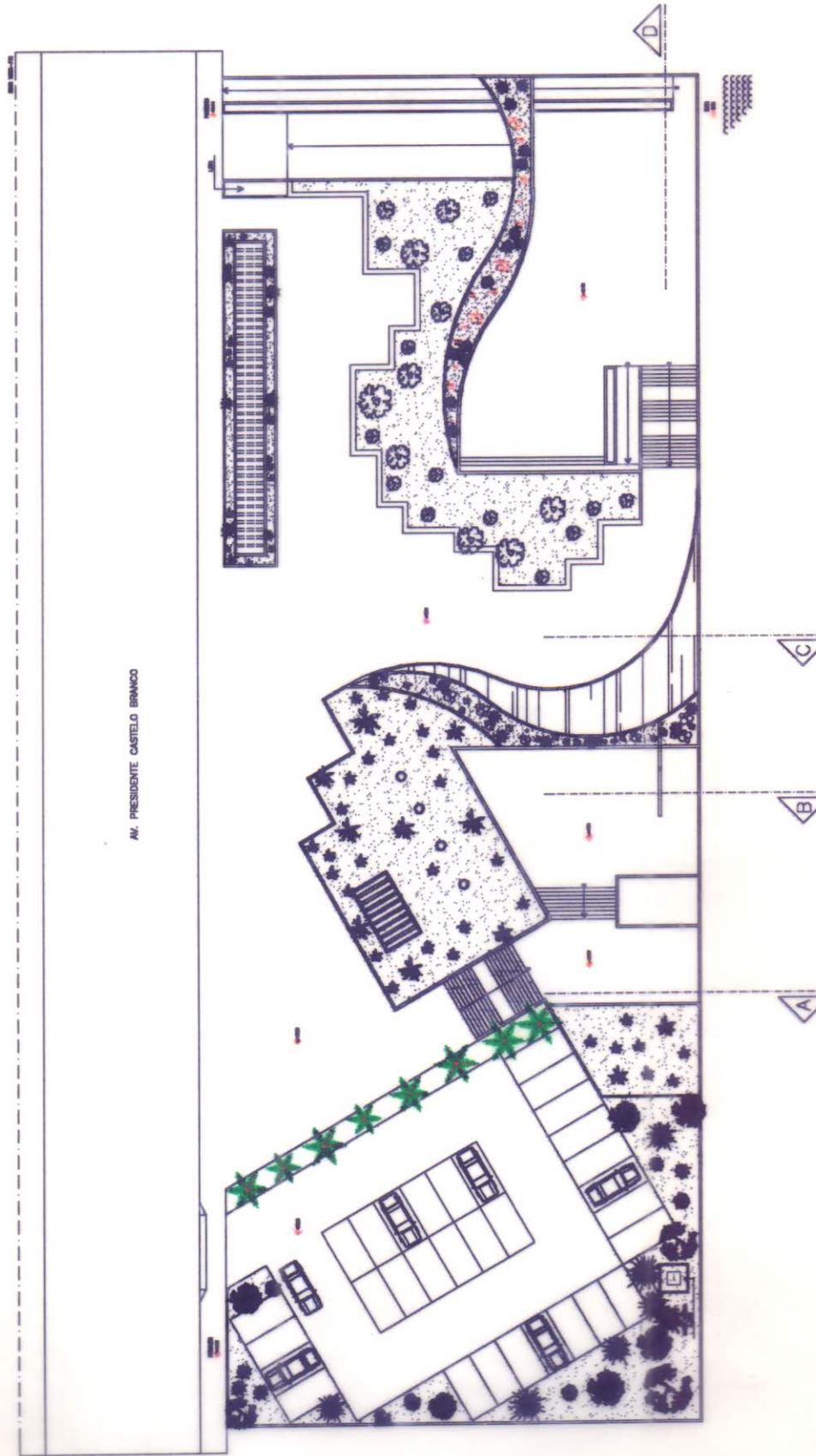
E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

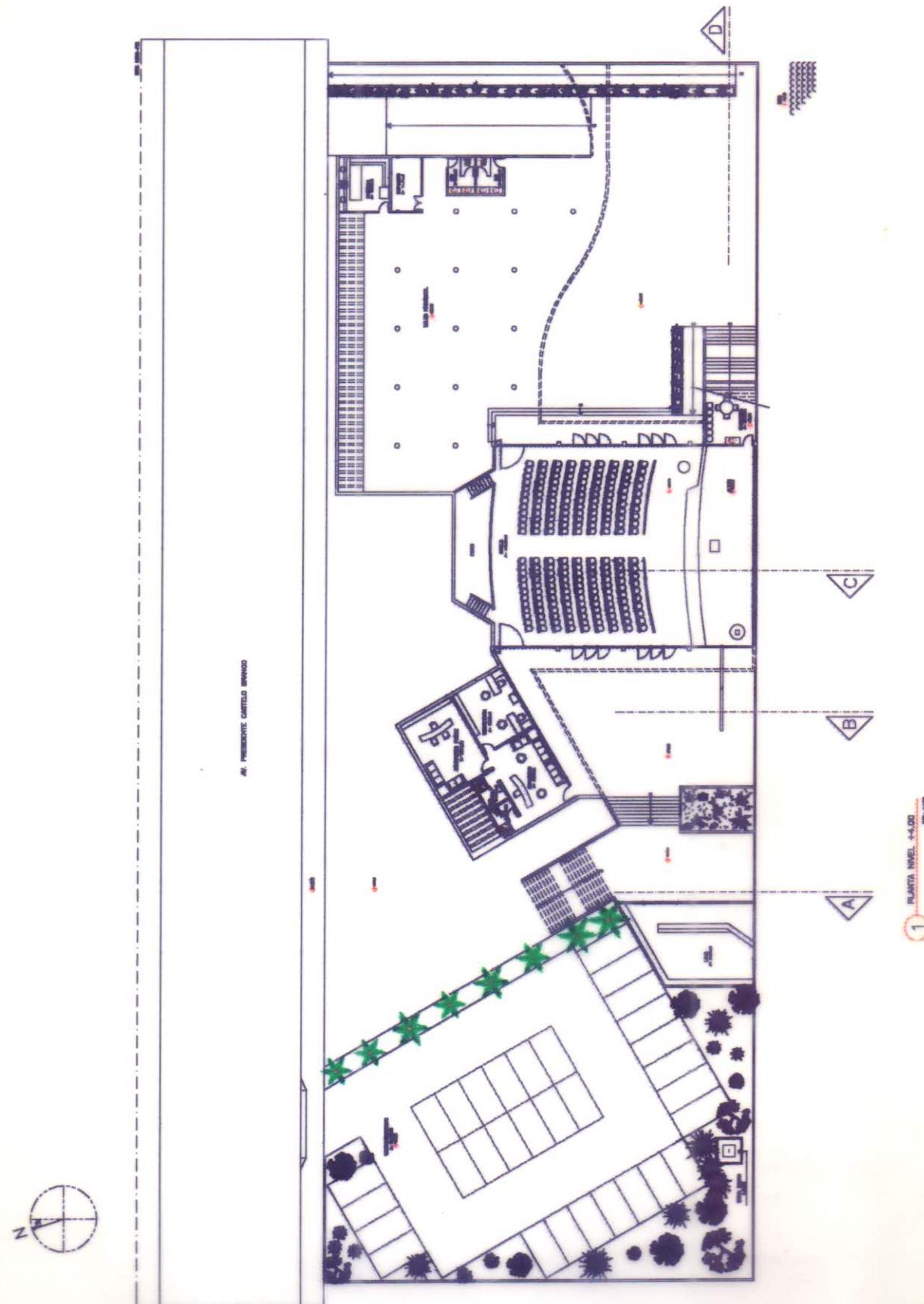
---

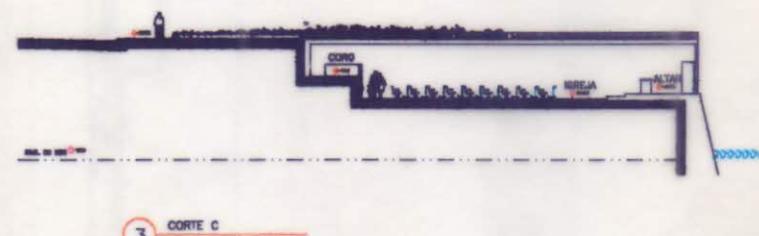
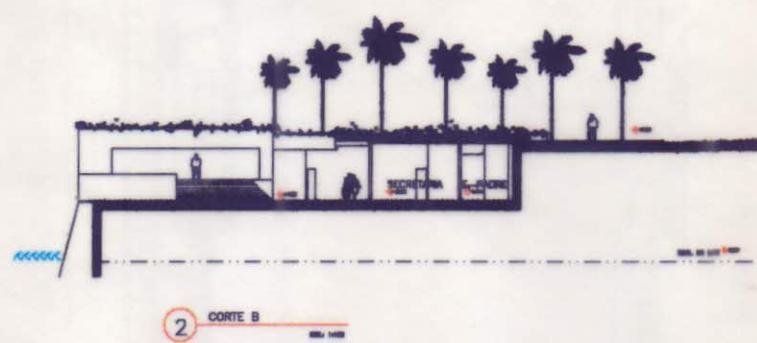
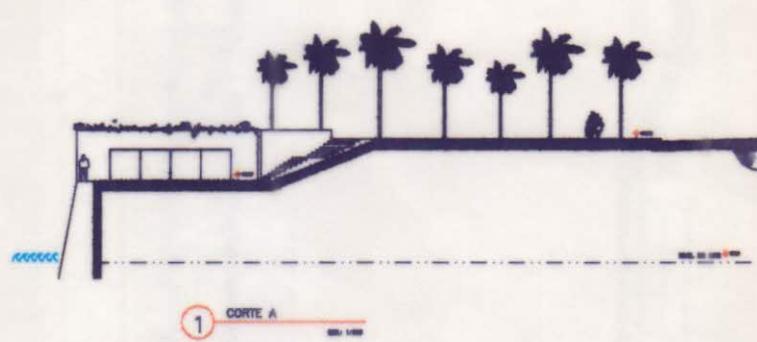




AV. PRESIDENTE CASTELO BRANCO









1 CORTADO D



2 FACHADA NORDEST